

Em Minas, um exemplo da desintegração indígena

Esta é a primeira de uma série de três reportagens da Sucursal de Belo Horizonte sobre a desintegração da tribo dos "xacriabás", nas margens do rio São Francisco, no Nordeste de Minas Gerais. Hoje, sem as terras cedidas pelo Imperador D. Pedro II, em consequência da progressiva invasão de sua área pelos grandes fazendeiros da região, os últimos remanescentes "xacriabás" vaguem pelas cidades próximas e outros chegam a São Paulo — a "terra prometida".

BETH CATALDO

A estrada ainda se ressentia dos últimos estragos da chuva, contrariando uma longa seca de 89 dias. Valas profundas dividem o caminho ao meio e a plantação de feijão, ressecada, ainda não se curou completamente, mesmo com as águas. Poucos viajantes se atrevem pelo maltratado caminho. As cercas de arame farpado recém-construídas pelos fazendeiros que ampliam suas fronteiras começam a contrastar com as rústicas cerca de pau trancado. É o primeiro sinal: ali começam as terras do Brejo da Fome. Ali vivem os últimos remanescentes da tribo dos "xacriabás".

Com o barulho do carro algumas caras despontam das casas de barro e teto de sapê. Cautelosos, observam as figuras desconhecidas que surgem. Mas quem se aproxima é apenas o funcionário do posto da Funai, desde 72 instalada no local. Seu nome é Manoel Gomes de Oliveira, mas todos lhe chamam Rodrigo. Mostra as instalações da Funai: um galpão desocupado e sujo, que seria a escola, e duas casas de tijolos, uma raridade no local.

— A situação está calma — ele diz, se antecipando às perguntas.

Rodrigo, um remanescente xacriabá alto e forte, se referia ao conflito de terras na área, provocado pela progressiva invasão das terras indígenas pelos grandes fazendeiros da região. De pedaço em pedaço, a terra destinada aos xacriabás foi encolhendo de 250 mil hectares para 100, 50, 20, 15, até chegar aos mirrados 10 mil hectares de que hoje dispõem para cultivar o feijão, o arroz e criar algumas cabeças de gado.

Uma terra gloriosamente conquistada, como contam os caboclos mais velhos. Pela participação dos xacriabás na Guerra do Paraguai, sua Majestade, D. Pedro II, ordenou que fosse cedida à tribo uma extensa área à margem do Rio São Francisco, 45 quilômetros após a cidade de Itacaramby, no Noroeste de Minas.

Mas assim como as terras, os xacriabás também foram diminuindo. "Hoje somos 2.700 pessoas", informa Rodrigo, de acordo com o último censo realizado entre os "gamelas", como também são conhecidos os remanescentes. Muitos morreram de "tosse comprida", como é chamada a tuberculose, ou de "picada de chupão" — a Doença de Chagas, consequência do grande número de barbeiros que infestam as casas de pau-a-pique. E vão "inohando, inchando, até morrer" — descrevem.

Outros foram para São Paulo, depois de trocar um pedaço de terra na reserva por rádios de pilha, uma velha camioneta ou simplesmente dinheiro. As mulheres se empregam como domésticas. Os homens costumam trabalhar como domésticos. Mas costumam voltar depois que o dinheiro acaba. Existem, ainda, aqueles que vagueiam pelas cidades próximas sem conseguir sequer chegar a São Paulo, o limite do pequeno universo maniquêista em que vivem: o Brejo é a fome, a pobreza; São Paulo é a riqueza, a fartura de uma terra desconhecida, onde existe muita gente, muitos carros e diversas "nações".

Abandonado assim, o Brejo da Fome é um lugar desolado. Um lugar de velhos, crianças e mulheres. Os velhos relembram o pouco que restou da cultura xacriabá: a lenda da onça em "antãta", o dialeto que ninguém sabe mais falar, a habilidade de trabalhar com o barro e, sobretudo, uma época de fartura quando se plantava e se comia e o Brejo da Fome era conhecido como Brejo do Mata-Fome.

OS INDIOS SEM TERRA

Os primeiros grileiros começaram a aparecer na região no início deste século. Até esta época, os xacriabás ocupavam toda a extensão de terras das localidades hoje conhecidas como São João das Missões, Traíra, Brejo do Mata Fome, Terra Preta, Riacho do Brejo, Sumaré e Rancharia, todas à direita do São Francisco. E à medida que suas terras eram invadidas, retiravam-se para os trechos de mata mais densa, onde os forasteiros ainda não conseguiam alcançar.

Possuíam, então, uma organização típica. Existia o cacique, os curandeiros, os feiticeiros. A caça era praticada sistematicamente com o uso de arco e flecha de ponta de metal. E arroz, milho e mandioca eram cultivados apenas para a subsistência.

Os grileiros chegaram atraídos, principalmente pela fertilidade do solo, considerado de excelente qualidade para a agricultura, já que o solo é alcalino. E foram tomando os terrenos mais próximos ao Rio São Francisco, ou seus afluentes,



FOTOS DE JOSÉ INACIO

Uma família dos índios xacriabás, marcada pelo desânimo.

que proporcionam irrigação natural na época de cheias, diminuindo, assim, as dificuldades oferecidas pela escassez de chuvas na região.

Aos índios restavam os terrenos mais centrais, que apresentavam maiores entraves para um bom nível de produtividade agrícola. Mas com a introdução de modernas técnicas de irrigação e de novas culturas próprias para o terreno, também estes trechos passaram a ser cobiçados.

E foi por volta de 67-69 que a investida dos grileiros se acentuou. A questão da legitimidade das terras tornava-se crucial. A Ruralminas — Fundação Rural Mineira, Colonização e Desenvolvimento Agrário — começava a se instalar na região, com o propósito de desenvolver um grandioso projeto agrícola. E com isso, atraía a atenção de fortes grupos empresariais e grandes fazendeiros das cidades vizinhas.

Sem qualquer documento que comprovasse a doação das terras aos xacriabás, a área foi considerada devoluta. Os grileiros se utilizavam — e se utilizam — do mesmo mecanismo usado contra os posseiros de terras: pressionavam pela força a retirada dos índios ou negociavam as terras a preços irrisórios, registrando-as em seguida.

Já enfraquecidos econômica e culturalmente, os xacriabás não ofereceram muita resistência à invasão. Os poucos distúrbios que ocorreram foram imediatamente controlados pela polícia, que sempre comparecia ao local quando o conflito entre grileiros e xacriabás apresentava sinais mais a larmantes de violência.

O delegado-adjunto da Delegacia Regional de Montes Claros, João Vicente Leme, participou da última visita policial à região, no dia 14 de abril. Foi acompanhado por sete agentes do Dops, encarregados de apurar as denúncias de "agitação subversiva e conflitos armados na área". O que viu e relatou à Secretaria de Segurança de Minas Gerais foi a miséria em que vivem os últimos xacriabás, a ausência de liderança e a total desarticulação dos índios, que não contam sequer com armas para lutar.

O que existe — afirma o delegado — é um acentuado contraste entre a pobreza dos remanescentes, de um lado, e a prosperidade dos grandes proprietários de terra, do outro. Os fazendeiros estão tomando a área, e se a Funai não tomar uma providência, acabarão por tomar tudo.

Encarregado de estudar o assunto, o delega do Vicente Leme encontrou até mesmo um documento que comprova a posse legítima das terras por parte dos índios. Esse documento foi dado como desaparecido num incêndio ocorrido no Fórum de São Romão, em 1927. Mas uma cópia foi encontrada e incorporada ao relatório do delegado.

No documento, datado de 15 de fevereiro de 1728, o administrador dos índios da Missão de São João do Riacho de Itacaramby, Januário Cardoso de Almeida Brandão, ordena ao capitão Domingo Dias que recolha os índios às suas terras, para não "andarem por terras alheias". Depois, recomenda rigor para com índios rebeldes e insolentes, justificando que "para isso já lhes dei terras por ordem de Sua Majestade". E delimita a área: "Missões para a morada, o Brejo para trabalhar, fora os gerais para as suas caçadas".

Hoje, os xacriabás vão à localidade de Missões, distrito de Itacaramby, apenas para assistir à missa, votar em época de eleições, ou em busca de transporte para serem assistidos por um médico em Januária, distante 123 quilômetros. Do antigo Brejo do Mata-Fome sobrou apenas a área em torno do posto da Funai. E os gerais para as "caçadas" não passa de um trecho cortado de cercas de arame farpado, marcando as terras dos grileiros.



O posto da Funai em Itacaramby.